

ÉTICA DA ALTERIDADE

ETHIC OF OTHERNESS

Tiago Cunha Rizzo¹

RESUMO

Este artigo procura estabelecer a importância da Dignidade da Pessoa Humana a partir da Filosofia de Emmanuel Lévinas, um filósofo judeu que inaugurou o pensamento Ético como prioridade na Filosofia, podendo ser chamado até mesmo de Filosofia Primeira. Centrado em seu pensamento, mas ancorado em outras obras que tratam sobre Ética, ser humano e relações humanas, este artigo apresenta o imenso valor que a vida humana possui em si mesma, em detrimento do discurso contemporâneo de mercado ou capitalista. Visa esboçar um meio de se resgatar a dignidade humana perdida. Descreve-se sobre a Ética da Alteridade, que olha para o Outro, e de como ter diante de si a Face do Outro, uma vez que a Face é de suma importância neste modo de pensar. Reflete-se ainda como a Dignidade Humana é vilipendiada, ferindo assim o que fere e o desprezado. Descartar a dor humana e a possibilidade de relação social que saia de si para Lévinas é inconcebível. Só há um “Eu” que floresça verdadeiramente como “Eu” e como meio eficaz de melhora desta situação é a educação voltada para o amor e para olhar o Outro, uma vez que a humanidade tem perdido esta sensibilidade para com o ser humano, é preciso educa-la para tal. O método empregado foi de revisão bibliográfica. Pôde-se perceber que somente pela via da educação pautada na Ética da Alteridade pode-se progredir numa mudança de mentalidade que valorize mais o ser humano.

Palavras-chave: Ética da Alteridade; Outro; Dignidade Humana.

¹ Graduado em Pedagogia, Licenciatura Plena, pela Universidade UNIP – Campinas-SP. Graduado em Psicologia – Formação de Psicólogos, pela Faculdade Anhanguera Educacional – Campinas-SP. Psicólogo Social, da Saúde e Clínico. Estudante de Filosofia na FAE Centro Universitário Curitiba. *E-mail*: tiagopsicologo13@gmail.com

ABSTRACT

This article seeks to establish the importance of the Dignity of the Human Person from the Philosophy of Emmanuel Lévinas, a Jewish philosopher who inaugurated Ethical thought as a priority in Philosophy, and may even be called First Philosophy. Centered on his thought, but anchored in other Works dealing with Ethics, human beings and human relations, this Article presents the immense value that human life has in itself, to the detriment of discourse contemporary of market or capitalist. It aims to outline a means of rescuing lost human dignity. It is described about the Ethics of Otherness, which looks at the Other, and how to Face the Other is of supreme importance in this way of thinking. It is also reflected how Human Dignity is vilified, thus hurting what hurts and despised. To discard human pain and the possibility of a social relationship that leaves itself to Lévinas is inconceivable. There is only one 'I' that truly flourishes as 'I' and as an effective means of improving this situation education directed towards love and to look at the Another, since humanity has lost this sensitivity towards the human being, it is necessary to educate it for such. The method used was Bibliographic Review. It can be seen that only through the path of education based on the Ethics of Otherness can we progress in a change of mentality that values the human being more.

Keywords: Ethics of Otherness; Other; Human Dignity.

INTRODUÇÃO

“A expressão que o rosto introduz no mundo não desafia a fraqueza dos meu poderes, mas o meu poder de poder” (Emmanuel Lévinas).

O presente artigo visa destacar o pensamento do filósofo francês Emmanuel Lévinas, nascido em 1905, de família judaica e falecido em 1995. Considerado o fundador da Fenomenologia, foi muito influenciado por Edmund Husserl, considerado o fundador da Fenomenologia, bem como por Martin Heidegger, Franz Rosenzweig e Monsieur Chouchani.

Por Fenomenologia entende-se o intento de ir às coisas em si, tais como elas se apresentam diante do homem, com suas representações mentais, sem querer descartar a metafísica, mas uma investigação científica rigorosa acerca da realidade. Método criado por Edmund Husserl (1859-1938) (CANTO-SPERBER, 2003).

Lévinas é um filósofo estudado comumente nos cursos de Filosofia, há obras, comentadores e artigos sobre seu pensamento, bem como estudos sobre ele, o que o eleva à dignidade de filósofo de ser estudado, de ter uma atenção especial sobre seu legado. No entanto, embora reconhecido academicamente, não é este o intuito ou destaque principal pela obra de Lévinas e sim o que ele escreveu acerca da pessoa humana, do Encontro, do Rosto ou Face, da Ética da Alteridade e do Outro. É mister escrever sobre o pensamento deste autor no tempo presente.

São palavras usadas costumeiramente no dia a dia, lidas, ou até mesmo descritas, mas o conceito que estas palavras têm em Lévinas é enriquecido de um significado profundo, que é merecedor de ser escrito na contemporaneidade tão necessitada de humanização.

Tendo em vista que a dignidade humana é esquecida atualmente, é possível resgatá-la a partir da Filosofia de Lévinas?

O artigo buscará trabalhar, como Objetivo Geral, sobre a importância e dignidade humana tão oprimida nos dias de hoje, bem como a existência de um Outro que faz o homem ser homem. A Ética em meio a tudo isto, o Encontro do Outro e com o Outro, o que faz a pessoa humana ganhar vida, ter Rosto, e assim poder ser compreendido seu pensamento fenomenológico.

O mesmo artigo ainda intenta definir a Ética na visão de Emmanuel Lévinas. E também demonstrar como a dignidade humana é esquecida atualmente sob a ótica da Ética da Alteridade deste mesmo filósofo.

O método do artigo é baseado em Referências Bibliográficas de obras acerca de Lévinas, Humanismo, História da Filosofia e Ética que dialogam entre si e também com o contexto humano e social contemporâneo do presente.

1 A ÉTICA DA ALTERIDADE

Quando se fala em Ética, pode vir a ideia de atitude correta diante de algo, ou uma postura aceitável socialmente. No entanto, isto é Ética para o senso comum, já para a Filosofia o termo Ética desdobra-se num infindável universo de proposições e conceitos que dependem do período filosófico abordado, bem como do filósofo que a descreve. No caso deste artigo, fixa-se o conceito de Ética em Emmanuel Lévinas.

Para Emmanuel Lévinas, a Ética deve romper com o domínio racionalista filosófico, domínio este de pensamento que conduz o homem a uma autonomia e individualismo de consciência e atitude (HUTCHENS, 2007). Isto, para Hutchens (2007), é herança histórico-filosófica de Imanuel Kant.

Lévinas considera a autonomia racional do eu em seu desinteresse como uma espécie de estratégia para satisfazer os termos do interesse próprio em um registro de pensamento de um modo geral mais eficaz. (HUTCHENS, 2007, p. 46)

Para Aristóteles, a Filosofia Primeira era a metafísica, e esta é a diferença deste contemporâneo para o grego, pois colocando a Ética como primazia filosófica, pode-se entender melhor a valoração humana em seu trabalho.

Reforça-se com seu próprio dizer: “A metafísica aborda sem tocar. A sua maneira não é ato, mas relação social. Defendemos que a relação social é a experiência por excelência” (LÉVINAS, 1980, p. 95).

O “eu” não para em si mesmo dentro desta abordagem, mas só realiza-se ontologicamente na relação com o outro, por isto sempre deve-se ter presente que a Ética aqui apresentada é uma Ética da Alteridade, sempre voltada ao outro. “O eu é felicidade, presença em si, sem dúvida. Mas suficiência na sua não suficiência permanece no não eu; é fruição de outra coisa, nunca de si” (LÉVINAS, 1980, p. 127).

Logo, pode-se dizer que não há Ética verdadeira sem a noção fenomenológica do Outro, ou seja, o homem não é humano em sua plenitude sem a interação com o Outro, este Outro como Ente, mas também como Ser, mas somente no Existir.

Muito influenciado pelo pensamento de Martin Heidegger, a coexistência deste autor é dissertada da seguinte forma pelo comentarista Marías (2004):

Não existe nenhum sujeito sem um mundo, em virtude da índole constitutiva do existir; tampouco existe um eu isolado dos demais. Os outros coexistem no “estar no mundo”. O mundo do Daisen (ser que existe) é um mundo comum; o estar em é um estar com outros, e o ser em si intramundano destes é a coexistência. (MARÍAS, 2004, p. 479)

Nota-se que Lévinas tem influências consistentes no que concerne ao seu pensamento ético e não demonstra nenhum interesse num homem individual, mas plasma toda sua filosofia na importância da relação humana, para que o homem seja de fato homem.

“Ser eu’, proclama Lévinas, significa não ser capaz de evitar a responsabilidade, porque estou ligado de uma maneira peculiar ao outro” (HUTCHENS, 2007, p. 36).

2 A DIGNIDADE HUMANA ESQUECIDA

Haja vista que a Ética contemporânea de Lévinas presume uma postura prática diante da vida e não metafísica antes de agir, mas agir sabendo-se ligado ao Outro, pode-se refletir porque atualmente o homem anda tão esquecido, de forma particular em sua dignidade.

Por dignidade humana entende-se todo Direito do homem na sociedade, e seu valor intrínseco, inerente e inexorável ao próprio homem como sujeito religioso, político, afetivo, merecedor de atenção, cuidado, saúde e atuação (COMPARATO, 2006). No entanto, a supremacia de uma filosofia racionalista que faz o homem justificar o individualismo abriu margens para que o egoísmo fosse cada vez mais exacerbado, deixando de lado o Outro, homens sem Rostos, que podem ser ignorados.

Este extenso trabalho de transformação do Sujeito de dignidade em objeto mercadoria só foi possível porque na marcha da razão houve o reclame de uma lógica justificadora. A marca que fundamenta a cooptação dos sujeitos e o conseqüente banimento de seus rostos está alicerçada numa convicção de natureza identitária-inclusivista. (MARMILICZ; BALSAN, 2016, p. 57)

O Rosto humano nada vale ou nada é em meio a uma sociedade racionalizada, com supremacia tecnológica e pautada na lógica do mercado, as relações humanas

que fazem com que o Ser seja ser verdadeiramente não existem mais. Dessa forma, o homem que age assim atualmente perde sua dignidade e faz com que os outros também percam, onde tudo e todos entram nesta relação anti-humanista e antiética.

Lembrando que na Ética de Lévinas o homem é responsável por si mesmo, pelo que os outros esperam dele, pelos outros e até pelas atitudes do outro (HUTCHENS, 2007). Isto gera inevitavelmente a sensação de que a humanidade caminha por uma trilha antiética, que só degenerará cada vez mais o homem, pois segundo Lévinas o homem só é homem em sua relação responsável com o Outro, fora disto não passa de alguém subjugado a seus interesses egoístas, num suposto pano de fundo racionalista de uma veneração metafísica por vezes falsa, e até distante de uma metafísica grega, medieval ou moderna, mas preso ao eu da lógica individualista do tecnicismo e do mercado. O que Heidegger vai chamar de indigência (MARÍAS, 2004).

A dor de um ser humano jamais pode ser negada ou ignorada, isto contraria o mais íntimo do próprio homem que o faz, e despreza profundamente o desprezado. “A dor, longe de pôr em questão a vida sensível, coloca-se nos seus horizontes e refere-se à alegria de viver. Por conseguinte, a vida é amada” (LÉVINAS, 1980, p. 129).

A humanidade tem valor em si mesma, em sua própria vida, a vida já tem seu valor intrínseco, diferente do apregoado pelo utilitarismo contemporâneo, de valer para algo, valer para uma função, valer se tem prestígio, por isto o filósofo aqui discutido diz: “Toda oposição à vida se refugia dentro da vida e se refere aos seus valores. Eis o amor da vida, harmonia preestabelecida com o que simplesmente nos vai acontecer” (LÉVINAS, 1980, p. 129).

A sociedade contemporânea destrata e ignora o ser humano porque se esqueceu de olhar para sua Face, a Face deste ser humano que ela despreza, e que ao mesmo tempo é homem contemporâneo. A Face para Lévinas é de suma importância em seus escritos sobre Ética, por esta razão sob este olhar é impossível não enxergar o desprezo pela Face, haja vista que: “O que a Face me revela é a realidade do Outro em sua pura humanidade, além de todos os papéis sociais que ele pode ser conduzido a desempenhar” (CANTO-SPERBER, 2003, p. 54).

3 O RESGATE DA DIGNIDADE HUMANA

A intenção do Artigo não é criticar desmedidamente o comportamento humano do tempo presente, mas sim observar como que tal comportamento é antiético e prejudicial à dignidade humana. É necessário apresentar uma solução, uma tentativa ponderada para melhorar esta situação.

No entanto, como esta dignidade pode ser reestabelecida?

O homem de hoje sofre, e sofre de verdade, com gritos interiores e exteriores de aguda dor, de incômodo, carência afetiva e física, e por vezes até do sagrado sofre carência:

Cada vez mais os psiquiatras são procurados por pacientes que os confrontam com problemas humanos e não tanto com sintomas neuróticos. Parte das pessoas que hoje buscam um psiquiatra teriam procurado um pastor, sacerdote ou rabino em épocas anteriores. Agora eles frequentemente recusam seu encaminhamento para clérigos e, ao contrário, confrontam o médico com questões como: “Qual é o sentido da minha vida?” (FRANKL, 2008, p. 140).

“O sofrimento, ao mesmo tempo, desespera por estar acorrentado ao ser e gosta do ser a que está preso. Impossibilidade de sair da vida. Que tragédia! Que comédia! O desespero não rompe com o ideal da alegria” (LÉVINAS, 1980, p. 130). Esta citação de Lévinas (1980) mostra como mesmo em desespero a alegria pode despontar no homem, portanto o resgate da dignidade humana tem um fundo de otimismo, crê sempre no homem a ser contemplado.

Percebe-se um movimento muito intenso do homem em busca do sagrado, do transcendente ou em campanhas em prol de causas humanitárias. Tudo isto é muito positivo no sentido de qualificar o desejo humano no contato com o Outro, e assim humanizar-se consideravelmente.

Os gregos, de forma especial Platão, acreditavam que a educação deve ser o futuro da Pólis, crianças bem formadas para um bom desenvolvimento das Cidades-Estado (COMPARATO, 2006). Moldando de forma útil a criança e os adolescentes numa educação que valorize o Outro, o Rosto e as relações humanas sem um culto à razão e buscando os adultos com métodos humanos de ensino, é possível construir gradativamente no interior de cada ser humano uma Ética da Alteridade, tão perdida, mas que uma vez que é inerente ao homem, não é impossível de ser resgatada.

A base de EU e TU não é constituída por conceitos abstratos, mas é a própria experiência existencial se revelando. Buber efetua uma verdadeira fenomenologia da relação, cujo princípio ontológico é a manifestação do ser ao homem que o intui imediatamente pela contemplação. A palavra, como portadora de ser, é o lugar onde o ser se instaura como revelação. (VON ZUBEN, 2001, p. 42)

Tal citação relaciona-se ao parágrafo anterior em que é predita uma educação mais humanitária para crianças, jovens e adultos, pois isto revela o ser, já é intuído pelo homem na contemplação, logo é simples, desde que seja aplicada. A citação refere-se ao pensamento de Martin Buber (1977), homem que dedicou seus estudos e sua vida à relação “EU e TU”, descrevendo existencialmente a necessidade e a maravilha desta relação do homem com o TU, que embora mude o termo, tem muito de conexão com o Outro de Lévinas, há uma similaridade filosófica muito grande.

A educação para o amor, em detrimento de uma educação racionalizante, que só vise ao mercado de trabalho seria uma grande ferramenta de valorização humana. Não é descartada neste artigo a importância do ensino das novas tecnologias, exatas, biológicas entre tantas formas de conhecimento, mas a educação para outro, para o amor, há tempos foi esquecida. O amor também é descrito pelo pensador judeu:

O amor da vida não se assemelha ao cuidado do ser, que se reduziria à inteligência do ser ou à ontologia. O amor da vida não ama o ser, mas a felicidade do ser. A vida amada é a própria fruição da vida, o contentamento já saboreado. (LÉVINAS, 1980, p. 129)

Amar não é uma tarefa fácil, muitas das vezes as pessoas não são educadas para tal, ficam apenas na educação de competição de mercado de trabalho e tecnológica, o que é um risco para uma educação ética. Já escreveu Edgar Morin sobre isto: “Ensinar a condição humana: a condição humana encontra-se totalmente ausente do ensino atual, que a desintegra” (MORIN, 2002, p. 8).

Isto não é impossível de ser obtido, basta abrir mais a educação neste aspecto sensível:

Só assim se pode obedecer à finalidade do ensino, que é ajudar o aluno a se reconhecer em sua própria humanidade, situando-a no mundo e assumindo-a. Tudo isto deve contribuir à formação da consciência humanista e ética de pertencer à humanidade. (MORIN, 2002, p. 20)

Educar é fundamental, mas só terá êxito o resgate da dignidade humana na contemporaneidade quando o Rosto for elevado, for desvelado e deixar de ser obscuro em meio à multidão “sucateada” pela lógica do individualismo egóico. E ainda quando houver o diálogo, vida em diálogo.

A linguagem, então, não é apenas sobre nomear, apresentar um tema, alcançar o conhecimento etc. Pelo contrário, ela se origina

no relacionamento face a face. A outra pessoa surge e seu próprio surgimento exige nossa resposta. (HUTCHENS, 2007, p. 74)

Para Lévinas, não há uma metafísica que presuma que o homem só é o homem na relação responsável, mas sim um Encontro da Face com a outra Face, este encontro pressupõe um pensamento ulterior, uma vez que ele é fenomenólogo, e como bom fenomenólogo o que interessa é a coisa em si e não interpretações ou metafísica antes da ação.

Já em Buber (1977), sobre diálogo, a seguinte citação elucida muito bem esta relação preterida pelo artigo entre estes dois pensadores, Lévinas e Buber:

O fato primitivo para Buber é a relação. O escopo último é apresentar uma ontologia da existência humana, explicitando a existência dialógica ou a vida em diálogo. As principais categorias desta vida em diálogo são as seguintes: palavra, relação, diálogo reciprocidade como ação totalizadora, subjetividade, pessoa, responsabilidade, decisão-liberdade, inter-humano. (VON ZUBEN, 2001, p. 43)

Desta forma, portanto, atrelando a importância do Rosto, da relação EU-TU, por meio de uma educação mais voltada para a sensibilidade humana é que pretende-se resgatar a dignidade humana.

CONCLUSÃO

É possível concluir que a sociedade contemporânea perdeu o sentido do valor da dignidade humana, e um dos principais motivos é a falta de alteridade, de ética, de olhar a Face humana e de ter a relação Eu-Tu mais dialogada.

Tudo isso baseado no olhar sobre o comportamento social atual, bem como alicerçado pelas Referências pesquisadas que dão uma ênfase especial na Filosofia Levinasiana, fazendo com o que se tenha maior sensibilidade em relação ao ser humano, o Outro e sua Face.

A dignidade humana, embora esteja esquecida, não está perdida ou completamente relegada a um esquecimento perpétuo, mas deve e pode ser resgatada mediante uma educação mais humanizada de crianças, adolescentes, jovens e adultos, sem exceção, que permita o diálogo inter-relacional do Eu com o Tu, do olhar sem medo a Face humana, elevando o Rosto de homem. Mediante uma educação assim pode-se valorizar e resgatar a dignidade humana da forma como ela merece ser contemplada, acolhida e vivida.

REFERÊNCIAS

- BUBER, Martin. **Eu e tu**. 8. ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- COMPARATO, Fábio Konder. **Ética: direito, moral e religião no mundo moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- FENOMENOLOGIA. In: CANTO-SPERBER, Monique. **Dicionário de ética e filosofia moral**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HUTCHENS, B. C. **Comprender Lévinas**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LÉVINAS. In: CANTO-SPERBER, Monique. **Dicionário de ética e filosofia moral**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003. Páginas 53-55.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980.
- MARÍAS, Julian. **História da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MARMILICZ, André; BALSAN, Luiz. **Ética e misericórdia**. Curitiba: Ed. do Autor, 2016.
- MORIN, Edgar. **A religião dos saberes**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.